Capítulo 2

Tsundere e o Cientista louco

Tendo pegado um voo dos Estados Unidos para o Japão e, em seguida, um ônibus do aeroporto de Haneda para a estação Wako-shi, Makise Kurisu se sentiu cansada da viagem. Para seu alívio, as mais longas etapas de transporte haviam terminado e ele agora estava andando pelas ruas para sua nova residência, querendo chegar lá o mais rápido possível.

Os dias seguintes seriam exigentes para ela, considerando que a partir do dia seguinte ela trabalharia no Laboratório de Pesquisa em Neurotecnologia, pertencente ao Instituto de Ciências Cerebrais RIKEM. Ela pensou que gostaria de tirar um dia de folga, embora isso fosse pedir muito quando ele acabou de começar; mas se por acaso hipoteticamente tivesse, ela certamente o usaria para ver seus amigos. Eles não puderam encontrá-la no aeroporto porque estavam ocupados e não era sua intenção incomodá-los.

Ela também não queria perturbar aquele protótipo de "cientista louco", ou assim disse a si mesma. Ela pediu aos outros para não dizerem nada sobre seu retorno, porque ela acreditava que vê-lo seria inapropriado para os dois. Evitá-lo intencionalmente era uma estratégia eficaz para evitar explicações.

Há duas semanas, sua senpai, Hiyajo Maho, e seu diretor, professor Alexis Leskinen, ligaram para ela para discutir um assunto em particular. Aparentemente, uma oferta havia chegado do Japão à Universidade de Victor Chondria: consistia em trocar recursos humanos entre os dois institutos, com uma pequena quantia financeira para despesas de manutenção no país oriental. O objetivo final da estadia seria obter publicações em nome dos dois grupos e, assim, fortalecer os laços internacionais num nível científico. Eles queriam que ela aceitasse a proposta.

Kurisu parecia interessado na oferta, embora duvidasse por um momento se isso seria ruim para o andamento de suas atuais pesquisas nos Estados Unidos. No entanto, as intenções de seus superiores eram muito claras:

"Você age de forma estranha toda vez que volta do Japão, Kurisu. Você fica sem noção, às vezes está com a cabeça nas nuvens e até comete vários erros, é como se não fosse você." disse sua senpai. "Talvez seja conveniente que você fique lá por um tempo até que possa esclarecer seus sentimentos, não seria bom que nosso laboratório permanecesse nesse estado."

Leskinen, por outro lado, queria que Kurisu decidisse trazer para seus experimentos a pessoa que a estava fazendo suspirar, o "Lintahlo", sobre quem Maho havia lhe contado um tempo atrás. Aliás, ele a pediu para visitar os templos japoneses e tirar fotos das "meninas xamãs".

Ela não concordou com suas opiniões e ficou ofendida com a atitude deles. Okabe Rintarou era um personagem peculiar que ela conhecera dois anos atrás e, do seu ponto de vista, eles eram apenas amigos.

No entanto, depois de meditar por alguns dias, ela decidiu aceitar a estadia. O motivo: seria divertido trabalhar em um ambiente diferente, poderia aprender muitas coisas novas. Isso o ajudaria a retornar ao caminho de excelência pelo qual ela sempre buscava. Além disso, quando ela tivesse tempo livre, iria a Akihabara e visitaria o Laboratório de Aparelhos Futuristas; "mas não é por que eu quero ver o tolo do Okabe" ela costumava repetir, mas sim porque ela queria conversar com a Mayuri e o Urushibara-san.

Não havia outras intenções além dessas.

* * *

Ela parou de andar na porta da frente de um complexo de apartamentos, muitos dos quais eram para aluguel temporário. Ela gostaria de ir ao seu hotel favorito em Ochanomizu, mas devido ao tempo que planejava ficar, as distâncias de mobilidade e seu orçamento disponível reduzido, ela teve que encontrar outra opção e o local não era ruim. Seria três meses completos que ela moraria lá, a partir daquele momento.

Antes de entrar e esquecer, pegou o telefone: queria informar Mayuri que havia chegado em segurança. Ela abriu seu aplicativo de mensagens instantâneas RINE e iniciou um novo bate-papo.

<<Makise Kurisu:

Já estou em Wako, vou me instalar no meu trabalho e assim que tiver tempo livre vou para o laboratório.>>

<<Shiina Mayuri:

Estou tão feliz Kurisu-chan! Todos no laboratório terão prazer em recebê-lo ＼(^ o ^)／>>

<<Makise Kurisu:

Também quero vê-la em breve, mas por favor, não diga ao idiota do Okabe que estou aqui. Ainda não estou pronta para lidar com ele.>>

<<Shiina Mayuri:

Eeeeeee, sinto muito Kurisu-chan (+ _ +). Receio que Okarin seja muito persuasivo quando algo lhe interessa (･_ ･;) >>

"A que se refere?", Ela se perguntou, confusa.

Quando ela deu alguns passos, alguém a parou puxando o casaco. Virando-se, ela viu uma figura masculina cuja expressão exigia explicações dele.

-Para onde você pensa que vai, Christina?

- Okabe! - Kurisu exclamou. - O que faz aqui!?

Ele não respondeu ao seu espanto; Em vez disso, pegou o celular e, sem fazer nenhuma ligação, colocou-o no ouvido, começando a fazer uma espécie de monólogo.

-Sou eu. Aparentemente, minha assistente pensou que poderia vir ao meu laboratório sem me avisar e passar despercebida, mas falhou. Estou prestes a verificar se a Organização não fez uma lavagem cerebral nela e a enviou em uma missão especial para obter...

-Pare com essa bobagem! - ela disse, pegando o telefone da mão dele. - Diga-me como você sabia que eu estava aqui?

-Surpresa Assistente? - Ele perguntou. - Eu admito que o seu trabalho incógnito era de alto nível, no entanto, você deve saber que eu tenho meus próprios recursos para obter informações.

-Espere, você quer dizer que está me perseguindo?!

Makise Kurisu levantou a voz e algumas pessoas se viraram para olhar o que estava acontecendo, comentando discretamente entre si. Okabe, enquanto isso, pegou seu telefone novamente e agarrou o casaco dele novamente, fazendo sinal para que eles fossem para um canto para falar em particular.

Kurisu insistiu repetidamente em saber como ele havia encontrado sua residência. Ela exigiu com tanta firmeza que ele não teve escolha a não ser dar uma explicação:

-Encontrei Rukako e Mayuri conversando secretamente sobre o seu avião que tinha pousado e lamentando que eles não puderam vir buscá-la. Não demorou muito para os meus métodos de persuasão fazer os dois confessarem que você estava se escondendo. Era tarde demais para ir ao aeroporto, então pensei em verificar esse lugar diretamente. Visualizei você na estação, mas você saiu com pressa e só aqui pude alcançá-la. Foi assim que tudo aconteceu, satisfeita agora?

-Você me seguiu? Você sabia que posso denunciá-lo por assédio?

Ele tentou ignorar sua ameaça.

-Eu não precisaria se você não estivesse correndo como se alguém estivesse te perseguindo. Até pensei que você estivesse em perigo.

-Mas estava, não era? Um tarado de jaleco estava me seguindo. - respondeu Kurisu. - Mas, para sua informação, eu estava correndo porque queria chegar ao prédio rapidamente. Eu estava pensando em deixar a mala, tomar um banho e pedir um ...

De repente, ela parou, por que ela agora estava se explicando para ele? Sua intenção era evitá-lo desde o começo.

-Espera. Eu não preciso te dizer nada. Você não deveria estar aqui, então vá agora.

-O que há com você, Christina? - ele respondeu indignado. - Você avisou a todos o dia que viria, menos eu. Diga-me qual é o seu problema e você não precisará se preocupar que eu a siga novamente.

Okabe sentiu que Kurisu estava sendo mais agressivo do que o normal e isso o deixou chateado. Até hoje ele estava acostumado a ela não o tratar amigável, mas ele esperava que ela estivesse pelo menos um pouco mais feliz em encontrá-lo lá.

- Não tem 'tina'! E eu não estava pensando em vê-lo ainda, só isso...

-Você confessa que se escondeu intencionalmente, membro 004?

-Bem, se é isso que você quer saber, talvez eu estivesse evitando você... - ela confessou, olhando para o outro lado.

-Hah! Receio que a lavagem cerebral tenha afetado-lhe mais do que você pensava, mas quem precisa ver uma assistente ingrata, não é?

O cientista louco cruzou os braços e deu as costas para ela. Ele não se retirou, mas sua postura parecia que ele esperava algum tipo de pedido de desculpas.

-Okabe, você está com raiva?

A pergunta era desnecessária, porque a resposta era evidente. Mais do que irritado, Okabe ficou ofendido por ter sido ignorado assim.

Kurisu poderia ter esquecido isso e poderia tê-lo deixado ali. Ela já estava na frente do prédio, ela poderia apenas entrar para acabar a discussão. Mas ela não podia deixar a situação como estava, ou eles provavelmente não poderiam conversar um com o outro por muito tempo. Eles eram teimosos e orgulhosos: o conflito continuaria por semanas, se pelo menos dessa vez ela não tentasse encontrar uma solução.

-Está bem! Vou explicar por que não contei nada. - ela disse. - Você é universitário e já é domingo à tarde. Certamente você tem algo para ler antes do seu próximo seminário ou um trabalho para terminar esta semana. Então eu pensei que não era necessário que você soubesse, eu entraria em contato com você quando chegasse a hora. Eu estava planejando ir para o laboratório de qualquer maneira.

-Boa tentativa, mas minha agenda é tão secreta que nem os melhores agentes podem acessá-la. - respondeu Okabe, virando-se. - Seu trabalho como membro do laboratório é pensar em criar aparelhos futuristas, não especular sobre meus horários.

-Você realmente não tem nada para fazer?

Ele fez uma careta torta.

-Um gênio com 170 de QI como eu não se importa com coisas assim.

Okabe Rintarou tinha 20 anos na época e estava no terceiro ano de faculdade. Era provável que ele tivesse um trabalho pendente, mas, em vez de se concentrar nos estudos, parecia mais interessado no que estava acontecendo ao redor da vida dos membros e de seu laboratório.

Ele tinha feito essa viagem até lá só porque queria vê-la? Kurisu não queria parar de pensar nisso. Ele tinha sua própria vida; ela sabia disso. Ele precisava se encarregar de suas responsabilidades; caso contrário, ele nunca iria amadurecer e continuaria agindo como um Chuunibyou por muitos anos.

-Ok, pare com isso, pare de desperdiçar seu tempo aqui. - ela disse, segurando cabeça dele. - Na sua idade, você deve ser mais dedicado ou nunca se formará. Faça um favor para nós dois e vá agora.

Ele não parecia interessado em ir embora, então ela teve que insistir nisso.

-Além disso, agora estou muito exausto porque a viagem foi mais longa do que eu esperava. Não faz sentido discutirmos, eu prometo que se você for embora, eu vou lhe contar tudo mais tarde.

Okabe descruzou os braços e pareceu esquecer sua raiva imediatamente. Dada a solidez desse comentário, não havia sentido em tentar ficar lá. Ela notou que Kurisu parecia cansado e ele não queria incomodá-la mais do que o necessário.

-Ok assistente, eu farei o que você quiser. - ele concordou. - Mas, em troca, preciso que você mantenha os olhos abertos. Mesmo que estejamos na linha mundial Steins Gate, não podemos descartar que o mal está nos vigiando. A Organização deve ter rastreado esse local também, talvez antes de eu sair se eu pudesse ...

Ajudá-la com a bagagem e inspecionar a segurança do local, foi o que ele ofereceu. Apesar da determinação de Kurisu de que ele deveria se retirar, Okabe desejava prolongar ainda mais o encontro, embora ele não contasse para ela diretamente. Pelo menos poderia ser útil para ela: a mala parecia pesada para as escadas que ela tinha que subir. E seria muito mais fácil transportar isso do que tentar transportar um IBN de 24 kg juntos.

Kurisu ficou surpreso com a idéia de Okabe entrar em sua nova casa e ficar sozinho com ela, e imediatamente a rejeitou. Se ele estivesse pensando em algo como tocá-la ou beijá-la, em seu estado atual, talvez ela não tivesse sanidade ou força suficiente para rejeitá-lo ou pedir ajuda. Seria uma situação muito perigosa.

No entanto, por que Okabe tentaria uma coisa dessas? Ele podia ser um pervertido às vezes, mas ele sempre respeitou quando estavam sozinhos no laboratório. Por que agora seria diferente? Ou será que ela queria que fosse diferente? Não, ela não era pervertida.

A mala era realmente pesada e tinha muitos andares. Kurisu estava cansado, e apesar de persegui-la, Okabe agora estava sendo gentil, para que ela pudesse aceitar sua ajuda. Talvez eu possa convidá-lo. Talvez eles tivessem tempo para tomar um Dk. Pepper juntos, talvez ela pudesse dar um conselho sobre o seu trabalho da universidade, talvez mais tarde eles pudessem pedir algo para comer no jantar, talvez eles pudessem conversar por algumas horas, talvez fosse tarde e os trens parassem de funcionar, talvez ele não teria outra escolha a não ser ficar naquela noite, talvez ...

-Não se preocupe, eu posso lutar contra a Organização ou qualquer uma de suas ilusões por conta própria. - ela finalmente respondeu.

A conversa terminou ali e ela o observou recuar para a delegacia, imaginando por um longo tempo se essa era a decisão certa.

De repente, ela lembrou que ainda estava na rua. Na entrada do prédio, as pessoas olhavam para ela de tempos em tempos, perguntando indiretamente se ela iria entrar ou não. Ela acordou de sua letargia e depois pediu ao gerente a chave do apartamento. Ela subiu as escadas, xingando o fato de ter que carregar toda a bagagem sozinha. Talvez fazer Okabe partir não fosse a melhor escolha, mas era tarde demais para se arrepender.

Uma vez lá dentro, ela descobriu que, embora o lugar não fosse elegante, era bastante decente. Ele foi fornecido com as necessidades básicas e, acima de tudo, como ela pediu, uma cama de casal de estilo ocidental.

Ele colocou a mala de lado e foi para o chuveiro para se recompor. Ao sair, ele pediu comida e se jogou na cama. Ele ligou para a mãe dele; Ela perguntou sobre o vôo, como estava o apartamento e recomendou que ele dormisse e comesse bem, como toda boa mãe. Em seguida, ele enviou uma mensagem para Maho-senpai, que certamente estaria dormindo naquele momento. Ele logo recebeu sua resposta.

<<Hiyajo Maho:

Irritante como sempre, kohai.

Lembre-se de que não queremos você de volta sem um namorado, então divirta-se.>>

Kurisu preferiu ignorar a mensagem, o que havia de errado com sua senpai? Ela se divertia fazendo experimentos, como sempre, não precisava de um namorado para isso. Em vez disso, ele preferiu pensar nas boas oportunidades que o aguardavam.

Por meio de fotos, o Laboratório de Pesquisa em Neurotecnologia parecia um bom lugar. Ela trabalhará todos os dias em período integral e, nos fins de semana, visitará o Laboratório de Aparelhos Futuristas. Ela podia sentir-se à vontade lá também, embora Okabe a chamasse por apelidos irritantes. Naquele dia, ele já a chamara de "Christina" e "assistente" várias vezes.

Entre as tecnologias que ele queria testar, havia algumas derivadas da tecnologia de reconstrução visual, desenvolvida anteriormente na Victor Chondria. Os pensamentos podiam ser

convertidos em imagens virtuais e vice-versa, mas havia certas limitações na prática quando se tratava de processos cerebrais inconscientes. Talvez você precise de voluntários para aperfeiçoá-los. Daru seria uma má escolha, porque certamente tudo em sua cabeça tinha era pensamentos pervertidos. Mas o que estava na mente de Okabe? Certamente seria muita bobagem.

Havia linhas de trem diretas de Wako para Ikebukuro. Mayuri morava na última e talvez ela pudesse visitá-la depois do trabalho. Era também o mesmo bairro em que Okabe morava e talvez pudesse também cumprimentá-lo. Como será o seu quarto? Claro que seria bagunçado, cheio de revistas pornôs e coisas assim. Ela nem estava interessada em que tipo de gosto ele tinha.

Seu estômago roncou: apesar do jantar, ele ainda estava com fome. Sua mãe disse-lhe para comer bem, mas ela realmente queria comprar seu pudim favorito. Ela compraria muitos na loja e levaria alguns para ter em Akihabara. Ele poderia escrever seu nome neles, mas isso certamente não impediria o Okabe de comê-los.

Esse foi o curso de seus pensamentos, um após o outro. Onde ela lavaria suas roupas? Okabe. O que ela comeria no café da manhã no dia seguinte? Okabe. Quais materiais ela precisaria para suas experiências? Okabe. Okabe aqui, Okabe lá. Okabe Rintarou voltou repetidamente a seus pensamentos e, na tentativa de removê-lo à força da cabeça, pressionou o rosto contra o travesseiro a ponto de ficar sem ar.

-Ah! - Ela gritou, respirando fundo. - mentira, isso não pode estar acontecendo!

Ela tentou continuar negando o que estava acontecendo.

-Eu realmente não posso estar apaixonado por aquele tolo! Evidência Eu preciso de evidência!

Ele fez uma última tentativa: pensaria em Okabe, desta vez de propósito, para provar que não sentia nada por ele, a não ser amizade. Ela se convenceria de que não queria ficar com aquele tolo, que não queria passar tempo sozinha com ele, que não queria ser sua namorada, que não estava interessada em contato físico, que não, não, não ...

Como a figura do cientista louco ainda estava presente em sua memória, Kurisu entendeu que ela deveria se render imediatamente.

Serotonina, ocitocina, dopamina e endorfinas encheram seu cérebro quando ele o invocou, seu coração batendo acelerado repetindo seu nome. Os sintomas e as reações fisiológicas quando ela pensou em sua proximidade eram tão perceptíveis que não podia mais ser ignorado.

Sua senpai estava certo: ela não estava apenas apaixonada, estava absolutamente louca por Okabe Rintarou. Negava, porque não estava querendo aceitar a realidade e isso não é típico de um boa cientista.

Ela passou muito tempo pensando enquanto olhava para o teto. Agora que ela havia aceitado, o que teria que fazer para sair desse estado? Confessar seria a coisa mais lógica e racional em sua situação, caso contrário, seu cérebro não a deixaria em paz.

Qual era a probabilidade de ser retribuído? Ela não sabia exatamente.

Se ela confessasse, havia uma chance de ser rejeitada. Seria insatisfatório, de fato, e certamente machucaria. Mas para um verdadeiro cientista, mesmo um resultado negativo é um resultado útil. Pelo menos ela teria uma resposta e não viveria mais naquela nuvem de especulação e fantasia que envolvem a paixão.

Por outro lado, havia também a possibilidade de ser retribuído e isso talvez fosse mais aterrorizante do que ser rejeitada. Isso significaria que o relacionamento deles não seria mais o mesmo de sempre.

"O que Okabe sente?"

Um sonho estranho perturbou Kurisu: não acontecia com muita frequência, mas costumava se repetir a cada poucos meses, principalmente depois de viajar para o Japão. Neste, Okabe parecia confessar algum tipo de sentimento romântico em relação a ela, e os dois se beijaram. Ou melhor, Kurisu foi quem o beijou e, em seguida, recebeu um tipo de persuasão de Okabe para repeti-lo várias vezes. Finalmente, terminou abruptamente e ela acordou.

Mas algo naquele sonho estava errado, muito errado. Parecia que um evento terrível estava prestes a acontecer depois daquele momento. Ela se achou triste e o rosto de Okabe não pareceu que estava melhor. Quando ela tentou se lembrar do que eles estavam conversando momentos antes de beijar sua mente bloqueava, como se tentasse impedi-la de acessar uma memória muito dolorosa.

O cientista louco afirmou que os sonhos eram lembranças de outras linhas do universo; ela ainda não sabia em que acreditar.

Depois de conhecê-lo, ela aprendeu com os membros do laboratório que Okabe estava sendo tratado para TEPT (transtorno de estresse pós-traumático). Eles comentaram que ele teve ataques de paranóia quando estavam andando pela rua, especialmente quando ele viu pessoas vestidas de maneira estranha ou agindo com suspeita. Ele também não permitiu que Mayuri se aproximasse de nenhuma plataforma até que os trens abrissem suas portas, segundo ele, por medo de que ela fosse empurrada pelos trilhos. Ele também entrava em pânico na presença de sangue.

Kurisu sentiu-se responsável, acreditando que sua atitude estranha fora culpa dela. Okabe havia sido esfaqueado por seu pai e isso deve ter deixado uma marca profunda em seu cérebro.

Ela não entendeu o que Okabe estava fazendo lá no momento em que seu pai a atacou, mas ele explicou que sabia que isso ocorreria, e é por isso que ele viajou a tempo de salvá-la. Para convencê-la sobre isso, ele mostrou pra ela como prova da data de seu check-in de hospitalização: 21 de agosto de 2010. A conferência e o incidente com Nakabachi ocorreram em 28 de julho. Kurisu se lembrava bem, porque havia feito uma queixa à polícia no mesmo dia.

Era lógico pensar que o evento era fora do comum. Uma pessoa não pode ser esfaqueada um dia e depois viver nesse estado até ser levada ao hospital e fazer uma cirurgia três semanas depois,

sem sangrar durante o processo. Mas as únicas testemunhas desse desequilíbrio temporal dos eventos foram Kurisu e o pai dela. Daru e Mayuri só se lembraram de encontrar Okabe no telhado da Rádio Kaikan em agosto e depois chamar a ambulância, sem saber quem havia sido o responsável pelo incidente.

Dada a força das evidências, Kurisu teve que pelo menos aceitar a possibilidade de existir uma máquina como a que Okabe descreveu e ele a usou. Ela mesma havia escrito um artigo teórico sobre o assunto, levantando a possibilidade.

Mas uma coisa era viajar de volta no tempo e outra era acreditar que essa era uma prova definitiva de que o multiverso existia. Ou seja, além da viagem, o que Okabe também contou a ele não foi apenas um recuo, mas também uma mudança lateral. Uma que envolvia a total alteração da realidade física como a conheciam, e até a representação das memórias de todas as pessoas. Estranhamente, o único com a capacidade de verificar a mudança foi Okabe: uma grande coincidência em nível estatístico, quase uma em um milhão ou mais.

Ele não quis dar mais evidências do mecanismo que produziu a mudança entre as linhas do universo, nem aceitou sua proposta de que procurassem juntos uma maneira objetiva de verificá-las. Okabe insistiu que eles agora estavam morando no "Steins Gate" e que isso era o suficiente.

Mas se seu sonho estranho não era apenas isso, e se eles realmente se beijaram em uma linha diferente do universo, por que ele nunca contou a ela sobre isso? Se ele tinha esse Reading Steiner ou qualquer que seja o seu nome e se lembrava de tudo, por que ele nunca disse a ela ou sequer sugeriu?

Ele já tinha esquecido? Os sentimentos que ele confessou a ela foram apenas temporários? Não era mais necessário considerar o que havia acontecido? Você não estava mais interessado no assunto?

Um pensamento surgiu em sua cabeça para deixá-la desconfortável.

"Afinal, ele tem bastantes para escolher, certo? Ele está cercado por mulheres bonitas." ela disse a si mesma irritada. "Fairis-san, Kiryuu-san e até Urushibara-san também o admiram bastante."

Embora Urushibara fosse um homem, isso importava? Ela nem ficaria surpreso se Hashida Itaru acabasse se apaixonando por Okabe. Parecia fazer parte da personalidade do cientista louco atrair as pessoas, e ele ficou satisfeito com o grande número de membros do laboratório. Ele até adicionou Maho à lista.

Em particular, sua auto-denominada "refém" adorava seu amado Okarin. Embora ela não falasse de seus sentimentos, Kurisu considerou que eram evidentes:

"Mayuri-chan deve estar apaixonada por ele, seria bobagem pensar o contrário."

Eles eram amigos de infância, tinham uma história juntos. Mayuri havia sido o primeiro membro do laboratório depois que o fundou. Quem sabe quantos momentos se passaram sozinhos. Foi Mayuri quem ficou ao seu lado o tempo todo e quem o apoiou quando necessário. Mesmo quando foi

internado no hospital, ela não se afastou e, foi o apoio dele, até conseguir superar os sintomas do TEPT.

Kurisu não podia fazer isso, porque tudo o que sabia fazer era discutir com o homem que agora admitia estar apaixonado. Além disso, ele morava do outro lado do Oceano Pacífico.

"Pensando assim, seria egoísta confessar antes dela", ela se repreendeu.

Shiina Mayuri era uma boa garota, do tipo que pode se tornar uma namorada amorosa. Do tipo que sempre espera pelo namorado com um sorriso no rosto. Ela não teria nenhum problema em expressar seus sentimentos uma vez que desse esse passo.

Ela também não achava que Okabe fosse capaz de rejeitar os sentimentos de Mayuri. Ter uma namorada poderia ser uma boa motivação para seu bem-estar. Talvez entrar em um relacionamento o faça refletir sobre si mesmo e o ajude a pensar em ter coisas reais a oferecer. Talvez isso pudesse tirar o melhor dele.

Mas se Okabe e Mayuri se tornassem um casal, ela teria dificuldade em superar isso. Kurisu agora sabia que ele também queria aquele lugar: ela queria estar com Okabe. Deixe de lado aquele tsunderismo odioso que fazia parte de sua personalidade; em outras palavras: seja honesto consigo mesma.

Ainda assim, como ela poderia roubar à amiga a felicidade de estar junto com o homem que amava? Além disso, ela poderia ser uma namorada melhor do que Mayuri? Talvez o destino os escolhesse como casal, e com o tempo ela poderia aceitar vê-los juntos e ser feliz por eles.

Ele tomou uma decisão: discutiria o assunto com a Mayuri. Eu vou falar para ela confessar para. Okabe primeiro, porque ela tinha esse direito. Mas se ela estivesse errada, se Mayuri não sentisse o que ela acreditava, Kurisu finalmente se sentiria livre para confessar ao Okabe sem arrependimentos.

E o que tiver de ser será.

Apesar de limpar a mente, ela não conseguia dormir. Deve ter sido um efeito do jetlag , porque apesar de estar atrasado, seu corpo sentia que era dia. Então ele se divertiu com o telefone, pensando que deveria pedir desculpas.

* * *

Por outro lado, horas antes, Okabe Rintarou havia pegado a linha Tobu Toyo para retornar a Ikebukuro. Assim que chegou em casa foi para o quarto, e seu telefone vibrou no bolso:

<<Mayuri:

Okarin, você conseguiu ver Kurisu-chan do jeito que você queria (^ _ ^)? >>

Makise Kurisu costumava ir e vir ao Japão dos Estados Unidos, e suas visitas sempre eram curtas. Naquele dia, quando Mayuri lhe disse que Kurisu estava lá, ele agiu sem pensar e partiu para Wako.

Ele conseguiu encontrá-la, mas, apesar disso, ele não estava totalmente satisfeito.

<<Hououin Kyoma:

Recebi confirmação visual do membro 004, ele parece estar em boa forma, embora eu tenha uma forte suspeita de que recebeu lavagem cerebral na cabeça pela Organização.>>

<<Mayuri:

Hein?! Alguém lavou o cabelo de Kurisu-chan sem ela querer? Espero que ele não fique doente (._.).>>

Okabe não pôde aceitar a desculpa que ela deu a ele: teria sido mais simples dizer a ele desde o início que ela não tinha tempo ou vontade de vê-lo, mas ignorá-lo intencionalmente? Avisar a todos, menos ele, que viria? Essa foi uma jogada cruel, mesmo para uma tsundere.

No entanto, Okabe acreditava que Kurisu gostava de estar no Laboratório de Aparelhos Futuristas e, portanto, sempre voltava. Ele esperava que ela sempre voltasse. "Eu esperava que sempre voltasse. Eu gostaria que ele sempre voltasse."

O futuro era um lugar totalmente desconhecido agora, mas ele estava disposto a aceitar o que tinha que acontecer. Afinal, foi a escolha dos Steins Gate.

As horas passaram, mas ele não conseguia dormir.

Ele precisava desse sono para sua rotina acadêmica, mas ele não parecia encontrar um remédio. Então, para evitar pensar na sua assistente, ele se divertia assistindo um canal.

No fórum oculto, havia pessoas discutindo como uma civilização antiga havia previsto o fim do mundo até o final daquele ano. Bobagem pura: o mundo acabaria quando Hououin Kyouma quisesse, não antes.

O que chamou sua atenção foi uma pessoa que garantiu que o SERN estava tendo problemas com o LHC. Ele continuava ativo, mas uma série de experimentos havia arruinado o equipamento e a opção de colocá-lo fora de serviço para repará-lo estava sendo avaliada. A pessoa que iniciou a conversa disse que era parente de um dos cientistas que trabalhavam no local e afirmou com confiança que o dano era grande e talvez irreparável.

Sem o LHC, seria o fim do SERN? Okabe não queria ficar animado. Por enquanto, confiava em sua camuflagem de ignorância e acreditava ser capaz de viver uma vida tranquila sem se intrometer com eles.

Uma mensagem de repente o interrompeu:

<<Assistente:

Okabe, lamento não ter avisado adequadamente que eu iria>>

Ele sorriu para si mesmo: ela realmente estava se desculpando.

Eu sabia que deveria responder em breve.

<<Hououin Kyouma:

Desculpas aceitas Christina. Da minha parte, você pode confiar que eu não vou deixar ninguém persegui-la sem o seu consentimento, inclusive eu.>>

Admitir um erro não era mostrar fraqueza, pelo contrário: era um sinal de sabedoria.

Além disso, ele não queria brigar com ela.

<<Assistente:

Estou tão feliz em ler isso.

Sabe, eu estou fazendo um estágio de pesquisa em Wako. Você entende, é normal no campo, passar um tempo em diferentes laboratórios trocando técnicas, conhecimentos e coisas assim. >>

Ele nunca teve a oportunidade de fazer uma troca, mas acreditava que o assunto se encaixaria bem com alguém como Kurisu, que, por seu reconhecimento e habilidade, sempre seria bem-vinda em outros laboratórios. Especialmente o seu.

<<Assistente:

Minha estadia dura até o ano novo. Estarei bastante ocupado com os experimentos, mas felizmente terei os finais de semana livres para visitá-los.>>

Três meses inteiros? Era mais tempo do que ela costumava ficar no Japão.

Foi definitivamente uma notícia muito boa.